



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido Operário Revolucionário - Nº 06 - 22/1/2025

O aumento das passagens é parte do aumento geral do custo de vida Fortalecer o movimento através da unidade em torno às reivindicações comuns! Pela construção de um comitê de frente única, para discutir e deliberar democraticamente sobre a mobilização!

Caminhamos para a quarta manifestação contra os aumentos das passagens em São Paulo, nos ônibus e no Metrô. Desde o dia 5 de janeiro a tarifa do ônibus subiu 13,6%, passando a custar R\$ 5,00, e a do Metrô e CPTM subiram 4%, passando a custar R\$ 5,20. É bom lembrar que o sistema de ônibus de São Paulo é concessionado, ou seja, está entregue aos capitalistas. E no caso do Metrô e CPTM, o governo Tarcísio tem trabalhado para privatizar o restante do transporte sobre trilhos (uma parte já foi entregue à iniciativa privada). Engana-se quem ainda alimenta ilusões de que as privatizações trazem algum benefício aos trabalhadores. Com as privatizações e concessões o transporte fica pior, mais caro, mais demorado e com mais falhas, basta ver o caso das linhas controladas pela Via Mobilidade, como a linha Esmeralda, por exemplo.

Até agora, os governos têm ignorado os protestos, esperando que a luta contra os aumentos morra de inanição. A resposta tática do movimento deve ser a de avançar, unificando as lutas ao redor das reivindicações comuns, além de ampliar a democracia interna. Esses são os fatores-chave para que o movimento pos-

sa superar os limites impostos pelo isolamento atual.

Em relação à unificação da mobilização, trata-se de vincular os aumentos das passagens com a elevação geral do custo de vida dos trabalhadores. Os alimentos subiram 8%, o aluguel 13%, os combustíveis subiram em torno de 10%. Em contrapartida, muitos trabalhadores sequer receberam o dissídio, quando muito tiveram 4% de aumento. Sem falar dos milhões que sobrevivem do trabalho informal ou se equilibram no desemprego. Segundo o DIEESE a cesta básica aumentou em todas as 17 capitais pesquisadas pela entidade, sendo que em São Paulo a elevação foi de 10,55%, muito acima da inflação anunciada, de menos de 5%. Neste sentido, a luta contra os aumentos das passagens deve ser parte da luta pelas condições de vida da maioria oprimida.

A bandeira de unificação das lutas implica identificar as diversas lutas em curso no momento para vinculá-las à luta contra os aumentos, a exemplo da luta camponesa pela terra e contra a violência dos jagunços, grileiros e latifundiários; ou a luta dos metroviários, que foram recentemente condenados a pagar uma multa milionária, por terem feito uma

greve em 2021; bem como com a luta pela redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários, sintetizada na reivindicação de “fim da escala 6x1”. Esses movimentos isolados são mais frágeis do que unificados, afinal, os inimigos são comuns, a burguesia financeira, latifundiária, industrial e os governos serviçais dos ricos e poderosos. Nesse sentido, é preciso pressionar as direções sindicais, camponesas e estudantis, para que trabalhem sob a política da unificação.

Para que a unificação das lutas seja possível, é preciso ampliar a democracia interna no movimento. O Movimento Passe Livre (MPL) só tem força política na medida em que expressa a luta contra os aumentos, em defesa do transporte público. A mobilização, no entanto, vai além do MPL, existem outros agrupamentos (partidos, coletivos etc.) que também atuam nessa luta, com diferenças significativas em relação aos autodenominados “autonomistas”. O que fazer diante dessas diferenças? Na semana passada, a atitude tomada pelas direções (MPL e entidades estudantis, estas dirigidas principalmente pelo PCdoB) diante das diferenças políticas foi a pior possível: levaram o movimento a uma divisão, com dois atos separados, em dias diferentes na mesma semana. O resultado foi negativo: ao invés de uma passeata unitária, massiva e combativa, ocorreram dois atos relativamente pequenos – sem desprezar a importância política que tiveram.

Isolados e com uma política corporativista, o MPL e as entidades estudantis conduzirão o movimento à derrota. Neste sentido, é preciso aprender com a história do próprio movimento contra o aumento das passagens desde a sua origem, em meados dos anos 2000, quando os protestos eram organizados por um comitê democrático de frente única, com debate das propostas e votação para decidir os seus aspectos políticos e organizativos mais importantes, como data e horário dos próximos atos, o trajeto da manifestação, ações de luta complementares (a

exemplo das panfletagens unificadas) etc. Além disso, o trabalho de um comitê é mais democrático pois permite que as diferentes ideias sobre os rumos do movimento possam se expressar. Um exemplo do caráter antidemocrático do movimento atual são os “jograis”. Apesar da aparência coletiva, o jogral faz com que apenas os organizadores da manifestação possam expressar sua linha política, fazendo com que os presentes se limitem a repetir as formulações das direções políticas (MPL e entidades).

O Partido Operário Revolucionário sempre participou das lutas contra os aumentos das passagens apresentando às massas trabalhadoras que esses aumentos estão vinculados à carestia de vida em geral. Daí a importância de que os sindicatos, centrais e outros movimentos sociais se incorporem às manifestações. Além disso, defendemos o método da democracia operária, que é aquele que permite a livre expressão das diferentes ideias e resoluções práticas para aquele movimento. A tarefa de todo trabalhador com consciência de classe é atuar sob as bandeiras da unificação e da democracia operária, para avançar a luta contra esse aumento e contra todos os aumentos que massacraram a maioria oprimida.

As bandeiras que unificam os explorados partem da defesa dos empregos, salários e direitos: nenhum aumento nas passagens do transporte coletivo; passe livre para estudantes e desempregados; salário mínimo vital (de acordo com o DIEESE, seu valor deveria ser de R\$ 7.067,68), com elevação de acordo com a alta do custo de vida; emprego a todos, com estabilidade e com a redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários; estatização do sistema de transporte, sem indenização, sob o controle dos que estudam e trabalham; revogação de todas as contrarreformas que retiram direitos dos trabalhadores. Essas bandeiras devem ser o ponto de partida para unificar e fortalecer o movimento e, assim, avançar até a vitória da nossa mobilização.



pormassas.org | @massas.por | ☎ (11) 95446-2020